



Revista Saúde em Redes (ISSN 2446-4813), v. 8, Supl n. 2 (2022).
RELATO DE EXPERIÊNCIA
DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8nsup2p241-249

Diálogos na Pandemia: discutindo os impactos da COVID-19 sobre a população negra brasileira

Diálogos na Pandemia: the impacts of COVID-19 on the black brazilian population

Cláudia Rodrigues de Oliveira

E-mail: claucimao@gmail.com

ORCID: 0000-0003-0074-9495

Anelise Teixeira Burmeister

E-mail: aneburmeister@gmail.com

Patricia Airoidi Kolodsiejski

E-mail: airoidipatricia@gmail.com

ORCID: 0000-0003-1281-9163

Eloá Kátia Coelho

E-mail: eloakatiacoelho@gmail.com

ORCID: 0000-0001-5863-0548

Carlos Antonio da Silva Lima

E-mail: carloslima.nb@gmail.com

Frederico Viana Machado

E-mail: phredvm@gmail.com

ORCID: 0000-0002-8884-1124

Resumo: Este relato de experiência apresenta o trabalho do grupo “Diálogos na Pandemia”, um grupo de estudos surgido no contexto do Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, organizado como um projeto de extensão. O grupo articulou docentes e discentes da universidade, mas também trabalhadoras da saúde, criando um processo organizativo autônomo e horizontal. Aqui enfocaremos a emergência e a condução de temas e situações relacionadas ao racismo, que se destacaram entre as ações do grupo. O projeto enfatizou a importância de enfrentarmos o racismo para que os princípios de universalidade, igualdade e equidade possam garantir o direito à saúde e proteger a vida da população negra.

Palavras-chave: Racismo; Metodologias ativas; Política Pública; Extensão Universitária.

Abstract: This experience report presents the work of the group “Dialogues in Pandemia”, a study group that emerged in the context of the Bachelor's Degree in Collective Health at the Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS, organized as an extension project. The group articulated university professors and students, but also health workers, creating an autonomous and horizontal

organizational process. Here we will focus on the emergence and conduct of themes and situations related to racism, which stood out among the group's actions. The project emphasized the importance of facing racism so that the principles of universality, equality and equity can guarantee the right to health and protect the lives of the black population.

Keywords: Racism; Active methodologies; Public policy; University Extension.

Introdução

Este trabalho discute a experiência do grupo “Diálogos na Pandemia”, um grupo de estudos surgido no contexto do Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e organizado como um projeto de extensão. Em publicação anterior, descrevemos o surgimento, a metodologia e os resultados do projeto¹, neste trabalho enfocaremos a emergência e a condução de temas e situações relacionadas ao racismo. O contexto de incertezas gerado pela pandemia aprofundou a insegurança e o sofrimento de várias populações. Destaca-se a população negra brasileira, que tem sido mantida em condições precárias de moradia e saneamento básico, baixa escolaridade, baixo poder aquisitivo e acesso precário à saúde. A situação da população negra no Brasil vai da ausência de políticas públicas ao extermínio sistemático da juventude negra e a pandemia acentuou as consequências da desigualdade racial. O quadro é ainda mais complexo quando questões de gênero, etnia/raça, classe e juventude se interseccionam ².

O racismo e seus efeitos nas políticas de saúde foi um dos temas mais abordados durante os encontros do grupo Diálogos na Pandemia. Importante termos em vista que a emergência deste tema na universidade se dá após dez anos da Lei de Cotas para negros e indígenas que, mesmo que de forma insuficiente, aumentou minimamente a possibilidade de acesso da população negra à universidade, em um momento em que essa mesma política de cotas está ameaçada, pela revisão prevista para o ano de 2022. Nestes dez anos, o aumento do número de discentes negros/as na universidade explicitou as contradições racistas presentes no contexto acadêmico. Além disso, o protagonismo político desses discentes possibilitou o fortalecimento desta pauta, incluindo diversas demandas para transformar o ambiente universitário: incluir novas referências bibliográficas nos currículos, diversificar as metodologias de trabalho, agregar temas e eventos multiculturais nas interações universitárias, entre outras. É importante recordarmos que a presença de cotistas contribui para que a universidade se aproxime da diversidade social.

O grupo Diálogos na Pandemia é um projeto de extensão que promoveu discussões relacionadas à COVID19 e funcionou entre março e agosto de 2021. O grupo era formado por um núcleo de aproximadamente 20 discentes e dois docentes, que frequentam regularmente os encontros do grupo, e participantes ocasionais. Algumas atividades ultrapassaram o número de 50 participantes. A maior parte dos integrantes está vinculada ao Bacharelado de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas também participaram docentes e discentes de outros cursos e instituições, bem como trabalhadores da saúde. Os encontros ocorriam semanalmente, com carga horária máxima

de 4 horas/aula, através da plataforma virtual Mconf/UFRGS. A definição do tema se dava de forma espontânea e por consenso entre os participantes, respeitando e valorizando a organização horizontalizada. Todos os temas se dirigem às questões de sofrimento e enfrentamento durante a pandemia de covid-19, com destaque para os que afetam populações marginalizadas e os trabalhadores na saúde, principalmente na atenção básica. Este relato de experiência aborda a emergência das discussões relacionadas ao racismo em alguns dos diferentes recortes temáticos que definiram os encontros do grupo e que incluíram, entre outros, conhecimento e ciência, a presença e permanência na universidade, cultura e arte, gênero, solidariedade, luta e participação. O grupo é autônomo, mas ganhou suporte institucional de outros coletivos da universidade, tal como o Programa de Educação Tutorial Participação e Controle Social em Saúde (PETPCSS/UFRGS) e o Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde (LAPPACS/UFRGS). O PETPCSS e o LAPPACS, além de terem membros que participam do grupo, estão contribuindo para a organização e divulgação das atividades, assim como apoio do grupo de estudo SENEb.

Relações entre Racismo, COVID-19 e saúde

O novo coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China e, em poucos meses, foi declarado pela ONU como a crise mais desafiadora que o mundo enfrenta desde a 2ª Guerra Mundial. Os números avançam exponencialmente a cada dia e a situação brasileira é bastante dramática. Embora seja menos letal que outros vetores epidêmicos, a COVID19 assusta pela velocidade com que ele se espalha, o que agrega fatores econômicos, políticos, sociais e psicológicos nas consequências desta doença e também nas formas de enfrentamento. Segundo Barreto et al ³:

No Brasil, os desafios que se apresentam são ainda maiores, pois pouco se sabe sobre as características de transmissão da Covid-19 num contexto de grande desigualdade social e demográfica, com populações vivendo em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso constante à água, em situação de aglomeração e com alta prevalência de doenças crônicas ^{3 (p. 2)}.

No Brasil as desigualdades sociais, sobretudo o racismo, tem acentuado a morbimortalidade da população negra, o que tem se agravado com a COVID-19. Mesmo as medidas mais simples de enfrentamento como a higiene das mãos mostra que uma grande parte da população mundial não tem acesso a este recurso⁴. No Brasil, O Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento – SNIS, no ano de 2018, mostra que o acesso a esgotamento sanitário é de 53,2% da população, e o acesso à água 83,6%. Estas condições atingem sobretudo a população negra que, devido ao racismo, tem mais dificuldade em acessar direitos como saneamento básico, saúde, educação, moradia, emprego, água potável, alimentação, esgotamento sanitário, coleta de lixo adequada, condições de trabalho, o que afetará diretamente a incidência da COVID-19 nesta população⁵.

Estes aspectos refletem a segregação sócio-espacial à qual a população negra está sujeita e que, Segundo Góes, Ramos e Ferreira⁶,

cria condições adversas à saúde, pois, historicamente, os locais onde reside a maioria das pessoas negras são precários, com moradias inadequadas em relação às condições estruturais, sem acesso a serviços básicos de saneamento, água potável, equipamentos de saúde, à exemplo de postos de saúde, farmácias, parques e espaços de recreação, contribuindo para a maior exposição a fatores de risco, além dos elevados índices de violência, resultando no acúmulo de agravos à saúde ^{6 (p.4)}.

Como argumentam Kalache et al.⁷, diferentemente dos países europeus, nos quais atingiu sobretudo idosos acima de 60 anos, a COVID-19 no Brasil tem se mostrado a) “mais jovem”, pois as comorbidades chegam mais cedo; b) muito mais “escuro”, pois os negros são maioria entre a população mais pobre e com menos acesso a recursos para o enfrentamento da pandemia; c) mais feminina, pelos riscos profissionais, pelos cuidados familiares, informalidade laboral e aumento da violência doméstica; d) “ainda mais idadista, uma vez que escolhas economicistas determinam a exclusão dos mais idosos aos serviços de saúde” ^{7(p. 1)}; e) mais sofrida, dada a precariedade dos cuidados paliativos do Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo os autores

As questões de raça e etnia são imperativas - incluindo-se as populações indígenas, imigrantes e povos nômades. Sem essas informações, até aqui ausentes dos boletins epidemiológicos, não poderá haver direcionamento adequado de ações de enfrentamento ^{7 (p. 1)}.

Goes, Ramos e Ferreira⁶, apesar da pouca informação disponível sobre a relação entre racismo e a COVID-19, apresentam um diagnóstico que demonstra como a população negra sofrerá os impactos da pandemia de forma muito mais grave. Inicialmente, as autoras destacam dados da pesquisa de Farmer⁸ sobre a racialização da pandemia no contexto estadunidense:

Em Michigan, por exemplo, onde os afro-americanos são 14% da população, eles representam mais de 30% dos casos positivos da Covid-19 e mais de 40% das mortes. Já em Chicago, os afro-estadunidenses – 29% da população da cidade –, representam 70% das mortes por Covid-19 (Milam et al., 2020; Einhorn, 2020). Por outro lado, a população afro-estadunidense é o grupo populacional que está realizando menos testes para a confirmação do Covid-19. As desigualdades raciais no acesso ao teste apresentam um sinal de alerta para um viés racial implícito, segundo alguns profissionais que estão no front da pandemia. A análise indica que os afro-estadunidenses são menos encaminhados para realização de testes para a Covid-19 quando comparecem ao atendimento com sinais de infecção ^{6 (p. 3)}.

Em seguida, as autoras retomam o contexto brasileiro, com dados da Pesquisa Nacional de Saúde, e destacam fatores de risco mais prevalentes entre a população negra, além da doença falciforme, tais como hipertensão (44,2%) e diabetes (12,7%), quando comparada à população branca

(22,1% e 6,2%, respectivamente), doença cardíaca (7,0%), à asma (8%) e às doenças negligenciadas, a exemplo da tuberculose (Brasil, 2017).

Este contexto revela a centralidade da desigualdade para o refinamento e a compreensão dos dados epidemiológicos, bem como para a instrumentalização de seus resultados em ações que possam melhorar os indicadores de saúde da população e oferecer subsídios para o enfrentamento destas questões nas políticas públicas de forma intersetorial.

Diálogos na Pandemia: discutindo os impactos da Covid-19 sobre a população negra brasileira

Os encontros da Comunidade Diálogos na Pandemia mobilizaram diversos convidados, de diferentes áreas do conhecimento e de atuação profissional e comunitária. Estiveram representadas áreas como Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Arte e Saúde Coletiva. Compuseram o grupo estudantes e trabalhadoras/es da saúde, artistas, acadêmicos, incluindo alunos, professores e pesquisadores, bem como ativistas com trabalhos nas comunidades, em movimentos organizados, ou em redes informais do Brasil e do exterior. Aprofundaram-se as discussões sobre o racismo no âmbito da pandemia da covid-19 e seus atravessamentos na população idosa, nas doenças crônicas prevalentes na população negra, e no racismo como determinante de saúde.

Dos 19 encontros realizados, destacamos cinco que trouxeram discussões e reflexões especificamente sobre a saúde da população negra. Estes encontros receberam os seguintes títulos: 1) *Hip-Hop - Diálogos na Pandemia*; 2) *Covid-19 e a saúde da população negra*; 3) *Direitos Humanos e Saúde Pública*; 4) *Artes, Culturas e Saúde Coletiva*; 5) *Masculinidade Preta*.

A atividade *Hip Hop - Diálogos na Pandemia* contou com convidados oriundos do movimento Hip Hop, que agrega DJs, RAP/MC, Grafite, Break e conscientização. Compuseram a atividade: Thyele Santos historiador, produtor cultural e homem trans; Deivison Faustino, professor Doutor pela Universidade Federal de São Paulo; Eli Efi, produtor de Hip Hop e representante da Central Única das Favelas no Bronx/ NY; Tamboreiro, produtor cultural e gestor público no RS. Os convidados fizeram um resgate histórico do movimento Hip Hop e sua capacidade de mobilização e engajamento comunitário. Foi discutido o genocídio da juventude negra e como eles conseguiram se transformar em “estatística de vida”, considerando que em média no Brasil quase 70 mil jovens morrem e desses 75% são negros. Os convidados apresentaram para os participantes como construíram suas carreiras no Hip Hop e o envolvimento de cada um com as políticas públicas. Durante a atividade, as articulações entre saúde e os processos culturais ativados pelo Hip Hop foram amplamente discutidas pelos participantes, que destacaram a importância de uma noção ampliada de saúde para compreender as práticas culturais.

A atividade *“Covid-19 e a saúde da população negra”* enfocou especificamente a forma desigual com que a covid-19 afeta a população negra e contou com três convidadas/os. Elaine Oliveira Soares, gestora da Coordenação Geral de Políticas Públicas em Saúde (CGPPS), da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre - SMS-POA, onde é responsável pela saúde da população negra, discutiu a estruturação do Brasil por meio do racismo, citando intelectuais históricos, principalmente mulheres negras, para entender a desigualdade na sociedade e seus impactos na saúde. Apesar dos direitos

estabelecidos na Constituição de 1988 e organizados na Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (2013), foi principalmente com a ação dos movimentos sociais, pela força e pressão exercida pela população negra, e do Estatuto da Igualdade Racial, que as políticas públicas foram se tornando efetivas. Ainda assim, lembra que nem 10% dos municípios brasileiros adotaram e implementaram a PNSIPN até hoje, e as ações através de conselhos e outras formas de participação social se encontram enfraquecidas, o que exige a busca de garantias pela via judicial. Por isso, outras ações são necessárias para combater as desigualdades, como, por exemplo, o Projeto Promotores da Saúde da PN, da própria SMS/POA.

McArthur Alexandre Barrow, médico de família e comunidade, também trabalhador da SMS/POA, destacou que as desigualdades impostas pelo racismo determinaram que as zonas de classe média e alta (que viajaram para a Europa) fossem atingidas primeiro, com a subsequente expansão para as periferias, onde estão concentradas as moradias da população negra, vulnerabilizadas nas questões sociais e sanitárias. Trouxe também dados de países que primeiro apontaram o desequilíbrio entre percentual da população e de atingidos pela covid-19, lembrando que os fatores indicadores de piores desfechos - diabetes, hipertensão, insuficiência cardíaca - são mais prevalentes na população negra, pois associados com menor qualidade de vida e determinantes sociais da saúde ruins impostos pelas instituições racistas e o racismo estrutural. A saúde da PN é vulnerabilizada a partir de várias ações marcadas pelo racismo, como, por exemplo: maior tempo para identificar a doença, chegar ao serviço de saúde e ser atendido; e menor tempo de atenção de quem atende. Por fim, mencionou várias ações implementadas na SMS/POA para combater a desigualdade: telemonitoramento, promoção de saúde, controle precoce de comorbidades, e educação sobre práticas adequadas e necessárias.

O professor Alexandre Silva, fisioterapeuta e doutor em Saúde Coletiva, terceiro convidado, discutiu as especificidades do racismo contra a pessoa idosa. O adoecimento dos idosos negros é marcado pela violência e invisibilidade, bem como pela subnotificação e dados inespecíficos. Sem as condições de manter o isolamento físico, muitas vezes sem os recursos e serviços necessários, a PN idosa se encontra em pior situação quanto a número de infectados, recuperados, internados, assistidos – sob a garra perene do racismo cultural, sistêmico, institucional.

Este encontro enfatizou a importância de enfrentarmos o racismo para que os princípios de universalidade, igualdade e equidade que regem o SUS possam garantir o direito à saúde e proteger a vida da população negra.

O encontro “*Direitos Humanos e Saúde Pública*” contou com Daiana dos Santos, Sanitarista e Educadora Social, que apresentou sua atuação nas comunidades periféricas do município de Porto Alegre durante a pandemia da covid-19. Foram discutidas as condições de vida das famílias pretas que vivem nas margens das grandes cidades, aglomeradas e sem as mínimas condições sanitárias, muitas vezes desempregados, vivendo com o mínimo de renda, sem acesso à educação básica, sem acesso a uma alimentação saudável e com pouco ou nenhum acesso aos serviços de saúde.

A convidada questionou sobre a produção das ações de cuidado que os serviços de saúde e o Estado ofertam a essa população para garantir o direito à saúde e ao cuidado. Cláudia Rodrigues, mediadora do debate, reforçou o argumento de que corpos negros experimentam a pandemia de forma

diferente de outras populações, uma vez que a população negra é marcada pelos determinantes sociais e raciais, corpos impregnados pelo racismo estrutural e institucional. O trabalho realizado por Daiana Santos teve uma excelente repercussão nas comunidades e, pouco tempo após nosso encontro, ela foi eleita vereadora.

O encontro “*Artes, Culturas e Saúde Coletiva: caminhos para a promoção da equidade e cenário covid-19*” contou com as convidadas Silvia Duarte, assistente social, atriz e produtora cultural no município de Porto Alegre/RS, e Vera Lopes, atriz e graduada em Direito, atualmente, mora em Salvador/BA onde é coordenadora do Espaço Humanidades Ossos 21. Com o distanciamento social, medida necessária de mitigação da propagação da covid-19, a classe artística foi a primeira a parar com atividades presenciais, o que impactou negativamente trabalhadores do setor. Silvia Duarte relata os ataques e violações de direitos na cultura e desmonte de políticas públicas ainda anteriores à pandemia e declara que as mobilizações da categoria foram determinantes para o sancionamento da Lei nº 14.017 de 29 de Junho de 2020, conhecida como Lei Aldir Blanc de emergência cultural.

As debatedoras destacaram que estes impactos foram ainda maiores para profissionais, artistas e produtores negros e negras no contexto da covid-19 no Brasil; a iniquidade racial nas instituições públicas culturais, majoritariamente ocupadas por pessoas brancas, reflete na disparidade da distribuição de recursos por meio das políticas públicas, uma vez que estas não projetam as especificidades vivenciadas pela população negra, na produção de arte e cultura. Vera Lopes ressalta que apesar da pandemia impedir a presença física ela não interdita a população negra, pois a interdição já está posta pelo racismo, a população negra sempre precisou lutar contra às diferentes formas de interdição que são impostas criando estratégias que garantiram a sobrevivência e emancipação de pessoas negras e salienta que a branquitude precisa discutir e compreender o seu lugar na realidade racial brasileira e se colocar como parte do problema e atuante em ações e projetos antirracistas para o país.

A atividade “*Masculinidade Preta*” discutiu as especificidades que emergem no encontro da constituição da masculinidade com o racismo. Foram convidados: Alisson Batista, Psicólogo e integrante do grupo Masculinidades Negras Miltons; Tiago Rodrigues, Mestrando e Graduado em Psicologia pela UFRGS; e Phelipe Caetano Fundador do Coletivo Homens Negros Trans e Transmasculines em Diáspora. Este tema surgiu de uma necessidade de refletir sobre a constituição da identidade masculina dos homens negros. Alisson Batista fez uma discussão epistemológica sobre a construção da masculinidade do negro apresentando situações de exposição, enfrentamento, autoafirmação impositiva, vigilância constante, instabilidade de nas relações interpessoais. Tiago Rodrigues discutiu como a homossexualidade influenciou os povos africanos nômades em diáspora, destacando a herança matrilinear e citou Oyèrónké Oyěwùmí, que fala sobre as sociedades não generificadas. Phelipe Caetano, fala sobre sua experiência transmasculina preta e discute problemas e situações de violência vivenciadas por esta população, bem como a desinformação e a segregação social da população trans. Este debate ampliou o conhecimento do grupo não apenas sobre as masculinidades pretas, mas sobre a construção dos papéis de gênero e como as diferentes formas de opressão social incidem sobre os corpos na interface entre gênero e raça.

Considerações Finais

As ações apresentadas foram complementares, com temas bastante abrangentes e ampliaram a compreensão do grupo sobre como o racismo afeta a saúde das pessoas negras no Brasil. A constatação, já no início da pandemia, de que as populações negras morrem proporcionalmente mais do que qualquer outra, acompanhada de perto pelas populações de povos originários, dá o contorno cruel do racismo e do desprezo por aqueles que não têm os privilégios da branquitude em nosso país. A vivência experimentada pelos discentes estimulou o pensamento crítico e reflexivo, como visto nos seus questionamentos e contribuições quanto às especificidades da população negra diante da Covid-19. Enfatizou-se a necessidade de adesão dos profissionais sanitários à Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da População Negra a partir de atividades e discussões semelhantes às conduzidas na Comunidade Diálogos na Pandemia e, principalmente, através da implementação de mudanças nas disciplinas e currículos do Bacharelado em Saúde Coletiva para atender à saúde dessa população.

O espaço aberto pelo grupo levantou a reflexão acerca do racismo como determinante social de saúde em toda a sociedade, mas com um olhar sensível para a comunidade nas quais os participantes estão inseridos, nas instituições que fazem parte, bem como no próprio SUS e na universidade. Desde diferentes perspectivas, ficou explícita a necessidade de esforços para identificar e dismantlar o preconceito e a discriminação em nossos sistemas e instituições de saúde. Experiências como esta possibilitam a associação teoria-prática, aprimorando nos discentes o raciocínio crítico associado às competências e habilidades técnicas que juntas contribuem para a formação dos sanitários.

Referências

1. BURMEISTER, AT; MELLO, BCD. ; LIMA, CAS; OLIVEIRA, CR; COELHO, EK; OLIVEIRA, FCD; KOLODSIEJSKI, PA; RODRIGUES, RS; MACHADO, F V. Entre a saúde, as ciências sociais e a arte: diálogos na pandemia. *Revista Saúde Em Redes*, v. 6, p. 7-14, 2020.
2. CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, v10, 1(11), pp. 171-188, 2002.
3. BARRETO, ML. et al. O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil?. *Rev. bras. epidemiol. [online]*. 2020, vol.23 [cited 2020-06-12], e200032. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100101&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 jun 2020.
4. UNICEF. Lavar as mãos com sabão – fundamental na luta contra o coronavírus – está "fora de alcance" para bilhões. 2020. Disponível em < <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/lavar-maos-com-sabao-fundamental-contra-coronavirus-fora-de-alcance-de-bilhoes>>. Acesso em 12 junho 2020.
5. GELEDÉS. Nota da coalização negra por direitos sobre o Covid-19. 2020. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/nota-da-coalizacao-negra-por-direitos-sobre-o-covid-19>>. Acesso em 12 jun 2020.

6. GOES, EF; RAMOS, DO; FERREIRA, AJF. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00278110. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tes/v18n3/0102-6909-tes-18-3-e00278110.pdf>>. Acesso em 12 abr 2020.
7. KALACHE, AS. et al. Aging and inequalities: social protection policies for older adults resulting from the Covid-19 pandemic in Brazil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v23, n6, e200122. Epub June 01, 2020. Disponível: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200122>>. Acesso em 13 jun 2020.
8. FARMER, B. The Coronavirus doesn't discriminate, but U.S. health care showing familiar biases. **NPR**. Disponível em: <<https://www.npr.org/sections/health-shots/2020/04/02/825730141/the-coronavirus-doesnt-discriminate-but-u-s-health-care-showing-familiar-biases>>. Acesso em 29 abr 2020.